



ISSN: 2595-5713

Vol. 4 | Nº. 7 | Ano 2021

COMITÊ EDITORIAL EXECUTIVO

**Alexandre António Timbane
Alyxandra Gomes Nunes
Ivaldo Marciano de F. Lima
Jacimara Vieira dos Santos
Marcos Carvalho Lopes
Rodrigo Castro Rezende**

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

Alexandre António Timbane
alexandre.timbane@unilab.edu.br

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

EDITORIAL - SETE NÚMEROS DE CADERNOS DE ÁFRICA CONTEMPORÂNEA: VALEU A PENA TER CHEGADO ATÉ AQUI?

Filas de seres humanos para recolher ossos ou pessoas indo ao caminhão de lixo em busca de restos de comida.... Também podem ser vistas pessoas catando dejetos em busca de alimento. Da janela de meu modesto apartamento vejo pessoas indo aos locais onde depositamos os restos, aquilo que rejeitamos, para poderem encontrar algo que se aproveite e assim saciarem a fome dos seus. Minhas amadas filhas, todas com menos de vinte e quatro anos, jamais viram estas cenas, ao menos com esta força. Os governos que tivemos desde os primeiros anos deste novo milênio foram os principais responsáveis, em meio a um sem número de variáveis, para oportunizar ao Brasil a saída do incômodo mapa da fome. E de fato, a sensação que eu pessoalmente tinha era de que entre os anos de 2008 a 2015 quase não se viam pessoas recorrendo a tais artifícios. Isto não quer dizer que inexistissem dificuldades, mas nada se comparava ao que vemos hoje. A fome, neste sentido, volta com força total.

No labor cotidiano, ministrando aulas na graduação ou mesmo na pós-graduação, deparo-me com inusitados pedidos de dinheiro e de comida por parte de colegas discentes. Alguns, inclusive, recorrem a mim em meio a um contexto de desespero. Eu poderia contar histórias terríveis de pelo menos duas dezenas de discentes da graduação, da especialização ou do mestrado que recorreram a este editor e certamente outros tantos o fizeram aos colegas docentes com os quais possuem maior afinidade. Estes cenários são acentuados com o que ouço falar de meus colegas. O que ocorreu com um país que até recentemente era objeto da cobiça de estrangeiros que para aqui eram atraídos com as oportunidades de buscarem uma vida melhor?

Estes eventos, por mais inusitados que sejam, podem nos fazer pensar sobre algumas questões. Em que contexto se insere o ensino superior em um país que está às voltas com alto número de mortes em decorrência da COVID, além dos alarmantes índices de desemprego, fechamento de empresas, cortes de gastos públicos com saúde e educação, dentre outros fatores preocupantes para qualquer ser humano minimamente sensato? Aliás, em qual lugar se insere também a pesquisa, notadamente nas áreas das humanidades, uma vez que estamos em contexto próximo ao do desesperador? Seria um devaneio de intelectuais desligados da dura e triste realidade a manutenção das atividades de pesquisa, de ensino, ou mesmo de veículos de divulgação científica como este periódico, que a duras penas vem tentando se manter em dia, com esforços hercúleos de seus minguados colaboradores? Será algo aviltante manter as atividades acadêmicas com os crescentes índices de violência contra as mulheres, povos indígenas, dentre outros tantos que poderia aqui citar?

Bem, certa vez, em um dos muitos encontros/reuniões que tive com uma personalidade ilustre e que outrora fez as vezes de arcebispo de Olinda e Recife, nos distantes anos de 1980, pediu para que a reunião fosse momentaneamente paralisada. Ele ligou um radinho de pilha, da marca Evadin, salvo engano, e colocou em uma estação para ouvir parte de um jogo de futebol. Ele queria saber quanto estava o resultado do jogo de seu amado Santa Cruz, algo que me fez ter proximidade com tão ilustre personalidade. Quando questionado sobre este ato, disse o ilustre senhor: “há que se ter tempo para tudo, e há que se viver, pois é isto que nos faz respirar e ganhar forças para superar todas as dificuldades”. Eu não entendia bem, à época, as palavras deste homem, como não compreendia grande parte de suas ações, mas sabia que ali estava alguém que percebia a importância de saber se seu amado Santa Cruz estava vencendo ou não a partida disputada, e que isto era parte da sua vida, fosse esta difícil ou não. Este homem se chamava Dom Helder Câmara, e o local da reunião era um prédio localizado no bairro dos Coelhos, próximo ao centro do Recife, cidade onde nasci e vivi por muitos anos. Este momento que relatei, e que vivi quando ainda estava com meus treze ou quatorze anos me fez compreender uma breve frase do poeta Ferreira Gullar, que dizia “Sei que a vida vale a pena, mesmo que o pão seja caro e a liberdade pequena”.

Ao ilustre leitor e prezada leitora há que se refletir sobre algumas questões aqui colocadas: em meio à crise e com tantos problemas que vivemos, há tempo e espaço para a divulgação científica, pesquisas e reflexões sobre o passado? Ao que me parece, outra resposta não poderia ser dita: sim, as pesquisas, o ensino e as reflexões são importantes, fundamentais, e são elas que nos levam a enfrentar os desafios, encontrar respostas e superar as dificuldades.

Sobre as migrações, por exemplo, temática objeto deste dossiê, o que há a ser escrito, dito, que ainda não o tenha sido? Quais os motivos que levam as pessoas a saírem de seus

espaços, territórios, cidades, estados e países para buscarem oportunidades em outros locais? Aliás, quem migra, o faz necessariamente por opção? E quem sai de seu espaço, o faz, via de regra, para dispor de melhorias? Eis algumas questões sobre as quais os especialistas e pesquisadores da área enfrentam em suas reflexões cotidianas, perguntas lídimas de serem pensadas a todo tempo.

O enfrentamento das diferentes dificuldades vividas e elencadas no início destas linhas suscitam também novas reflexões, das quais as que entabulei neste breve texto. Há espaço para manter um periódico acadêmico, voltado para refletir sobre questões alusivas ao continente africano? Sim, eis a resposta mais importante para ser reafirmada. Creio que os diferentes artigos apresentados no dossiê sugerem pistas para pensarmos nas migrações como evento a ser analisado e sopesado. Estes artigos serão apresentados ao leitor e a leitora no texto a seguir, escrito por Felipe Honorato, jovem pesquisador e que foi o responsável pela organização do dossiê deste número. Os demais artigos que integram o fluxo contínuo possuem cada um ao seu modo, o mérito de nos fazer refletir sobre diferentes questões alusivas aos povos do continente africano, e que constituem bela oportunidade para estabelecer liames com o que vivemos nos dias atuais. É para isto que fazemos ciência, qual seja, compreender os eventos, traduzir os fenômenos e assim poder dispor de respostas para os problemas vividos e enfrentados.

Este número de Cadernos de África Contemporânea, o sétimo de sua história, traz autores de vários estados brasileiros e países, a exemplo de Moçambique e Guiné-Bissau. Aqui, celebramos o sucesso da teimosia ou, em outras palavras, a insistência daqueles e daquelas que fizeram questão de enfrentar os problemas, apontar soluções e ainda fazer escolhas difíceis como as de manter atividades de divulgação científica, a exemplo do canal “África do Século XX”, que pertence ao Grupo de Pesquisa de mesmo nome, ou deste modesto periódico que celebra seu quarto ano de existência. E por falar em celebrar, antes de tudo, importa apresentar os autores e autoras que integram o fluxo contínuo deste número!

Núbia Aguilar, em **“O mundo se despedaça”: diálogo teórico e literário sobre o colonialismo em África**”, faz uso de recortes da literatura para desnudar as marcas do colonialismo, notadamente aquele descrito por Achebe. Aliás, Núbia consegue encetar uma excelente discussão sobre o tema a partir da composição das reflexões de outra autora, citada logo no início de seu artigo: Chimamanda. O modo como constrói os argumentos, tecidos sob um fio condutor “muito bem amarrado”, constitui por si só o motivo para que o leitor e a leitora se apropriem das linhas cosidas por Núbia, e assim compreender o colonialismo sob o ponto de vista do exímio e genial literato que ainda hoje é celebrado pelos amantes da boa leitura: Chinua Achebe. Este fantástico escritor também soube sonhar com a independência de seu povo na

malograda República de Biafra. Seus livros indicam excelentes caminhos para pensar o colonialismo sob ponto de vista endógeno, algo que Núbia Aguilar faz com excelente maestria.

Ainda sob o olhar da literatura, mas agora em outro espaço e autor, João Batista e Francisca Zuleide nos trazem um pouco dos contextos existentes entre a construção da identidade, História e nação nas obras de Ungulani Ba Ka Khosa. Enredado em complexas tramas, João Batista e Francisca apresentam algumas boas questões em seu artigo **A Crítica Colonial nas obras de Ungulani Ba Ka Khosa “Gungunhana, Orgia dos Loucos e Entre as Memórias Silenciadas”**. A partir das suas quatro mãos, esta dupla nos faz enxergar sob suas linhas as diversas questões que se mostram presentes na trama deste país de muitos povos e identidades em disputa. Moçambique é ainda pouco conhecido entre nós deste lado do Atlântico, e por isso, todas as gotas de saber e informação sobre as “coisas moçambicanas” são dignas de aplausos e celebrações. Saudamos as boas novas vindas destes intelectuais da querida Paraíba, e reiteramos a qualidade do que é produzido nestas terras. João Batista e Francisca Zuleide constituem prova cabal disto!

Saindo de Moçambique, mas ainda em terras onde a língua portuguesa é relativamente conhecida e praticada, Rafael Coca de Campos nos brinda com seu belo artigo **“Nos rastros do gado: uma abordagem interdisciplinar da pastorícia no sul de Angola, 1920- 1940”** no qual apresenta questões sobre a relação existente entre a guerra e os povos pastores. Tomando Angola como espaço, e o entrelaçamento da Antropologia e a História como método, o autor traça bons caminhos para aqueles e aquelas que se interessam, de alguma forma, pela compreensão do fazer e das práticas como possibilidades para a apreensão das historicidades em suas diferentes perspectivas. O autor consegue nos prender do início ao fim com uma discussão que certamente faria corar de vergonha aqueles e aquelas que viam conflito e disputas entre a Antropologia e a História. Com linhas bem traçadas e escritas, repletas de inspiração para os que irão ler e apreciar este belo artigo, Rafael poderia ser aqui descrito como poeta da interdisciplinaridade, ou ao menos das relações entre a História e a Antropologia!

Para não perder o costume, e ainda ouvindo sons semelhantes da língua predominantemente falada nos rincões brasileiros, Albino Alves Simione, através de seu belo artigo, intitulado **Trajatória histórica da municipalização em Moçambique e sua inserção nas relações intergovernamentais**, nos puxa pela mão de volta a este país localizado na costa oriental do continente africano, com o intuito de nos mostrar aspectos da organização estatal e dos processos de implantação da municipalização como ponto de partida para a descentralização do país. O artigo discute tais questões com o propósito de nos fazer compreender este processo que tem o município como ponto central do debate. Além disso, Albino Alves indica alguns dos caminhos que estão sendo tomados pelos homens e mulheres que habitam as terras agora

nomeadas por Moçambique. Saindo deste país de muitas línguas e povos, e chegando a outro de contexto semelhante (ou seja, com muitas línguas e povos), Edgar Djú nos mostra as dificuldades da implantação do capitalismo na bela e inspiradora Guiné Bissau. Seu artigo, **Estado Zumbi/Zombie**, discute a estrutura e o funcionamento do Estado, tomando as referências de Marx e Weber como meios para proceder tamanha tarefa. Para aqueles e aquelas sequiosas em obter informações sobre as terras do saudoso Amílcar Cabral, aqui vai mais um belo e importante texto produzido por um dos seus geniais intelectuais!

Por fim, fechando este número, Pedro Madeira Guiliche apresenta uma profícua reflexão sobre os espinhosos temas da democracia, em seu artigo **Contribuições do pensamento político de Alexis de Tocqueville e Karl Marx sobre a evolução conceptual da democracia**. Aqui temos uma poderosa análise de temas pertinentes às Ciências Sociais, sob o escopo de dois grandes intelectuais recorrentemente citados e lidos. O autor, Pedro Madeira Guiliche, observou *in loco* o fenômeno do que se nomeou por socialismo em seu país e pôde ver de perto questões sob as quais reflete em seu artigo. Liberalismo, socialismo, social-democracia, capitalismo, dentre outros conceitos, são discutidos com destreza por alguém versado em análises como estas, e que nos fazem ter certeza de que há mentes brilhantes e da melhor qualidade nas terras do outro lado do Atlântico. Aos que insistem em pensar o contrário, convidamos gentilmente para que leiam este artigo, pois assim verá que a espécie humana produziu e produz belos exemplares nas mais diferentes partes da terra.

E por falar em belos exemplares de seres humanos não poderia deixar de homenagear aqueles e aquelas que são os principais responsáveis para que Cadernos de África Contemporânea tenha conseguido chegar ao seu sétimo número. Homens e mulheres de vários países e regiões do Brasil, de diferentes tons e cor de pele, orientações sexuais, credos religiosos e modos de ver a vida são os que fizeram e fazem parte desta caminhada. Os nomes são diversos, mas vale a pena mencionar alguns destes... Rodrigo Castro Rezende (UFF) e Alexandre António Timbane (UNILAB), que além de estarem nos primórdios desta labuta agora envergam comigo a difícil tarefa de serem editores gerais desta revista. Sem estes, certamente o trabalho que antecede este número (pronto, revisado, diagramado) não teria o esmero aqui apresentado. Aliás, doravante os próximos editoriais terão também suas digitais. Marcos Carvalho Lopes e Pedro Acosta Leyva (ambos unilabianos) são partes viscerais desta revista. Foram também cúmplices de tudo o que aqui está disposto: layout, modelo de diagramação, sugestão de nome da revista, logotipo.... Eu diria que para ambos devem ser feitas não apenas homenagens, mas também votos de agradecimento!

Jacimara Vieira dos Santos (UNEB DEDC XIII) e Alyxandra Gomes Nunes (UNEB DCH IV) também possuem sua parte de responsabilidade com o que temos feito até aqui. Além

de integrarem o comitê editorial executivo, respondem por parte das revisões dos artigos. São elas que passam horas a fio revisando os originais enviados pelos autores e autoras. O que escrever para ambas que não seja “muito agradecido por existirem e estarem junto conosco”? Denise Dias Barros (USP), Detoubab Ndiaye (UNEB), Eduardo Antônio Estevam Santos (UNILAB), Josenildo de Jesus Pereira (UFMA), Mahfouz Ag Adnane (Casa das Áfricas – Núcleo Amanar) José Francisco dos Santos (UFOB), Danilo Fonseca (UNICENTRO – PR), Felipe Honorato (USP), Josivaldo Oliveira (UNEB DEDC XIII) e Ricardo Moreno (UNEB DEDC II) também são parte fundamental e essencial desta história, cada um ao seu modo. Sem eles, certamente haveria mais pedras no caminho, e estas poderiam se constituir em óbices para impedir a concretização deste projeto que é tão celebrado e festejado por diversos intelectuais do Brasil e do mundo.

Yuri Manuel Francisco Agostinho e Patrício Batsikama (diretamente das terras angolanas), Cinthia Nolácio (UNEB DCH IV), Cristiane Andrade Santos (UNEB DCHT XXIII) e Raynara Escala Ribeiro Torres (UFF – Campos dos Goytacazes/RJ) também contribuíram com este arrojado projeto. Seus nomes significam mais do que simples ajuda. Representam o apoio fundamental para que Cadernos de África Contemporânea, como também o Grupo de Pesquisa África do Século XX chegasse até aqui. Rogério Link, docente da UNIR, também deve ser mencionado. Mesmo estando ocupado com vários afazeres, se dispõe a contribuir com este projeto. Aliás, mais do que contribuir, Rogério Link é alguém responsável por publicar os números no portal.

Muitos foram os nomes omitidos, seja por falta de espaço ou por esquecimento deste releitor, que neste momento celebra a alegria de viver, de respirar e sonhar com o fim desta tempestade e tempos sombrios. Sim, todos e todas que apoiaram nossas ações foram e são parte integrante desta caminhada e aqui são homenageados por sua importância. Estes e estas são aqueles que estão, neste exato momento, desfazendo a barragem de mitos indicada por Joseph Ki-Zerbo, para que algum dia os brasileiros e brasileiras possam dispor de outro olhar e representação sobre o continente africano e os povos que nele vivem.

Sete números! Que venham outros sete, ou setenta, e que a vida seja longa para todos e todas, de modo que tenhamos como sorrir, pois, algum dia estes tempos serão apenas parte de uma triste lembrança e passado distante. A todas e todos uma excelente leitura!

Ivaldo Marciano de França Lima.